



MEMÓRIA SOCIAL E MOBILIDADE DO TRABALHO NO POVOADO DE ITAIPU – BA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

Urânia Teixeira Amaral*
(UESB)

Ana Elizabeth Santos Alves**
(UESB)

RESUMO

O presente artigo é um estudo preliminar sobre a memória da mobilidade do trabalho, presente no contexto histórico e espacial do povoado de Itaipu, pertencente ao município de Vitória da Conquista-BA. Pretende-se então propor um diálogo entre a memória, o espaço e o trabalho, buscando entender como se deu a mobilidade do trabalho ao longo de um processo histórico no povoado e como os moradores são mobilizados pelo capital para outros espaços em busca de melhores condições de trabalho. O fundamento teórico sobre a memória baseia-se na concepção de Maurice Halbwachs (1990). As discussões sobre o espaço seguem os postulados de Milton Santos (1988) e Henri Lefebvre (2006). Gaudemar (1977) explica a mobilidade do trabalho. Quanto ao campo empírico, realizou-se observações e entrevistas com os moradores do lugar a fim de compreender a memória que os mesmos têm do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: memória – espaço – mobilidade do trabalho.

INTRODUÇÃO

A memória social é bastante presente em nossas vidas, na qual possibilita a reconstrução de um passado vivido, ainda permanente e vivo nos testemunhos de um determinado espaço, limitado a um tempo histórico. Halbwachs (1990) foi um grande sociólogo que estudou minuciosamente sobre a memória e suas diversas nuances, o qual buscou não engessar a memória num único conceito, ao contrário disso, propôs uma

*Mestranda do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – UESB. Graduada em Licenciatura Plena em Geografia – UESB. Grupo de Pesquisa Museu Pedagógico: História, Trabalho e Educação. Email: urania.geo@gmail.com

** Orientadora. Professora do Programa de Pós – graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – UESB e da Graduação do DFCH/UESB; Grupo de Pesquisa Museu Pedagógico: História, Trabalho e Educação. Email: ana_alves183@hotmail.com



visão ampla sobre as questões relevantes para o estudo da mesma, um exemplo disso é o de que ao abordar em seu estudo sobre a memória individual, o autor relata que esta não significa a memória de um só indivíduo, mas está imbuída de experiências coletivas. Halbwachs (1990) na sua obra explana sobre memória coletiva e, em outros momentos aborda a mesma como memória social. Ao saber que a memória social possui uma característica de analisar os grupos sociais como todo e, ao mesmo tempo, estudar as partes que o compõe, mediados por uma cultura a ser recordada é que pretende-se basear o presente estudo partindo desse princípio, baseado na memória social e coletiva em suas especificidades. Sendo pois, imprescindível relacionar a memória social e o trabalho, no povoado rural de Itaipu, a fim de entender as contradições sociais e espaciais que têm ocorrido ao longo de um processo historicamente construído.

O povoado de Itaipu pertence ao distrito de José Gonçalves do município de Vitória da Conquista – BA. Está localizado entre as cidades de Vitória da conquista e Planalto. Encontra-se a 36 km da sede municipal e a 7 km da BR. Itaipu pela pequena densidade populacional pode também ser definido como sendo uma comunidade rural, espaço onde vivem famílias extensas, em que apresenta uma ruralidade explícita na paisagem observada.

O ESPAÇO SOCIAL

Santos (1988) define espaço como sendo um conjunto de objetos e relações que se realizam sob estes objetos, e também como resultado da ação do homem sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais. A necessidade pela sobrevivência levou o homem a executar ações para criar objetos e ao longo do tempo, novos objetos são criados para atender as novas funções, processo este que promove novas faces ao espaço. Ao passo que a sociedade se evolui, uma série de objetos e ações transforma o espaço e este, se torna cada vez mais imbuído de artificialidade.

Outro autor que trata com propriedade sobre o espaço é Henri Lefebvre (2006) A discussão em torno do espaço social feita por ele revela a amplitude que compõe o mesmo. O autor afirma que:



O espaço social contém, ao lhe assinalar os lugares apropriados (mais ou menos), as *relações sociais de reprodução*, a saber, as relações bio-fisiológicas entre os sexos, as idades, com a organização específica da família – e as *relações de produção*, a saber, a divisão do trabalho e sua organização, portanto, as funções sociais hierarquizadas. (p. 35).

Assim, o espaço social pode ser representado por meio da família nuclear, no qual já se percebe uma forma de hierarquia e ao mesmo tempo existe em torno dela relações de produção, bem como, no interior da própria família afirma-se a divisão do trabalho. O espaço como parte integrante do meio social é dinâmico e fluido, em que não se restringe ao concreto, mas assume um sentido também abstrato, neste pode-se enquadrar o vivido como fator preponderante na produção e reprodução espacial. A vivência social dos grupos possibilita a formação de espaços de representação, que por sua vez, estão compostos pelo imaginário e simbólico, as quais refletem a história de um determinado povo.

A RELAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL COM O CONTEXTO ESPACIAL

A memória abarca uma multiplicidade de conceitos, neste contexto busca-se associar a memória social com a ciência geográfica, especificamente com as questões que envolvem o espaço, o qual é produzido e reproduzido pelas relações sociais ao longo do tempo. *A priori*, vale salientar que o papel da memória na sua associação com o espaço é o de trazer de volta acontecimentos que foram esquecidos, mas que ainda perduram nas lembranças dos habitantes do lugar, principalmente dos moradores mais velhos, e, assim poder compreender como ocorreram as mudanças no espaço ao longo dos anos até os dias de hoje, partindo dos testemunhos dessas pessoas.

Nota-se que Halbwachs (1990) analisa a memória sempre focando o comportamento do indivíduo na sociedade, e ao discutir sobre o espaço e a memória coletiva, o mesmo enfatiza que o espaço deve ser percebido como parte do contexto social e historicamente construído. A materialidade do espaço está imbuída de relações sociais criadas ao longo



do tempo e, neste sentido existe uma relação intrínseca entre os objetos produzidos pelos indivíduos e as lembranças destes.

À medida que os grupos familiares se formam, apresentando características próprias de hábitos e costumes, laços se estabelecem e ao mesmo tempo, a própria caracterização da família extensa, em que as casas são construídas próximas umas das outras, se reflete num fator social que a memória coletiva se encarrega de explicar. As marcas deixadas no espaço dá a ele uma característica social que possibilita a reconstrução de um passado vivido, assim é como se as imagens e os objetos fossem um meio de trazer as lembranças do que passou. Pois que: “Nossa casa, nossos móveis e a maneira segundo a qual estão dispostos, o arranjo dos cômodos onde vivemos, lembram-nos nossa família e os amigos que víamos geralmente nesse quadro.” (Idem, p. 131).

As lembranças de um lugar, os acontecimentos marcantes, a paisagem que outrora se apresentava no espaço e que se modificou com o passar do tempo, sobretudo, os hábitos vão se moldando e modificando os objetos, pelos quais juntamente fazem parte de uma harmonia entre o físico e o social, enviados pela memória social e coletiva. Assim como relata Halbwachs (1990), não se trata simplesmente de uma ligação entre as partes, mas é um conjunto que reúne costumes, fatos em comum entre as pessoas que se resultam na construção de grupos, os quais mantêm uma relação viva com o espaço. Visto isso, os grupos além de criar nuances que possibilitam as novas configurações espaciais, acabam também se adaptando aos aspectos que se renovam e se transformam. Para o autor é como se os grupos se sujeitassem as coisas materiais existentes, mas vale salientar sobre a representação que é produzida neste processo, em que estes de certa forma resistem às mudanças, tendo em vista a relevância dos objetos e imagens para os mesmos. Ao reafirmar estas questões diz-se que:

Cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos, naquilo que havia de mais estável. (HALBWACHS, 1990, p. 133).



O espaço enquanto social, reflete a imagem dos grupos e, tal representatividade demonstra a importância que há na concretude do mesmo, em que por isso os indivíduos que o compõe não corroboram com determinadas mudanças no espaço. Halbwachs (1990) entende o espaço como resultante das relações sociais produzidas e reproduzidas; o autor contextualiza isso ao explicar:

Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (p. 143).

É notório que o lugar possui uma representação para seus habitantes, o espaço concreto produz significado na memória dos mesmos e, tal condição simbólica revela a forte relação que se cria com o espaço de um tempo vivido, em que ao passar por modificações ao longo de acontecimentos transcorridos numa velocidade cada vez maior, resulta num “estranhamento” por parte dos moradores mais velhos do lugar. As modificações espaciais com o passar do tempo podem ser vantajosas para as pessoas, contudo existem elos que mantem o passado e, por conseguinte, a memória viva produz significados para tais grupos:

No mais, fora das gravuras e dos livros, na sociedade de hoje, o passado deixou muitos traços, visíveis algumas vezes, que se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidas por tais pessoas e dentro de tais ambientes, nem nos apercebemos disto, geralmente. (HALBWACHS, 1990, p. 68).

É interessante enfatizar que os traços que ficaram do passado não são apenas parte de lembranças, mas é como um passado presente, visto que a memória o faz permanecer.



As histórias contadas revelam a vivacidade da memória do espaço vivido e refletem a importância do lugar para os grupos pertencentes ao mesmo, assim como é perceptível o quanto alguns acontecimentos de outrora permanecem na lembrança de determinados grupos.

A MEMÓRIA E A MOBILIDADE DO TRABALHO PRESENTES NA COMUNIDADE RURAL DE ITAIPU- BA

Na tentativa de situar a memória social no espaço rural onde possui uma população de 595 habitantes e vivem 150 famílias do povoado de Itaipu- Vitória da Conquista-BA (Censo Demográfico 2000, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE), nota-se o quanto a mesma está inserida nos grupos familiares da comunidade, se tratando em específico de questões que envolvem a mobilidade do trabalho neste lugar ao longo de muitos anos.

Ao realizar as primeiras visitas nas casas de 13 famílias¹⁶ de Itaipu foi possível perceber o quanto o trabalho é uma categoria central para os mesmos, principalmente para os idosos, os quais tiveram que passar por muitas lutas para sobreviverem e carregam ainda hoje, a memória desse tempo. No espaço onde vivem foram se constituindo costumes e tradições, configurando a paisagem e estreitando a relação das pessoas com o lugar. A família possui um caráter extenso, em que os avós, filhos e netos moram em casas bem próximas umas das outras.

Apesar da terra ocupada pelos moradores ter sido obtida por meio da compra e a comunidade não ter sido expropriada de forma direta pelo capital, os depoimentos dos mesmos revelam a luta que a maioria teve pela sobrevivência, ao passo que desde a infância já ajudavam seus pais na lavoura, em que a falta de escolas e em alguns casos a necessidade de trabalhar logo cedo impossibilitaram o acesso à educação. Em vista disso

¹⁶ Realizamos 13 entrevistas no período de 21 de Novembro de 2014. Entrevistamos 8 homens e 5 mulheres até o momento por meio de instrumentos de coleta de dados. Os nomes originais dos depoentes foram mantidos na pesquisa. Os entrevistados assinaram termo de Autorização de uso de depoimento e/ ou imagem. Optamos por resguardar na transcrição das entrevistas a linguagem própria dos moradores.



e da renda do trabalho na agricultura ser irrisória, é que muitos migraram para as grandes metrópoles do Brasil, principalmente em direção a São Paulo.

Muitos trabalhadores retornaram definitivamente às suas terras de origem pelo fato de ter deparado com uma realidade desconhecida nos grandes centros urbanos. Problemas como a violência, as condições inóspitas de habitação e saúde os levaram a enxergar o povoado como sendo o melhor lugar para viver.

Nesse contexto, a geografia do trabalho se encarrega de explicar as transformações socioespaciais ocorrentes e como acontecem as mudanças no mundo do trabalho, o qual tem se ampliado nas diversas manifestações, como: no trabalho autônomo, terceirizado, assalariado, informal, domiciliar, dentre outros meios de sobrevivência que a sociedade cria e recria, conforme explicações de Thomaz Junior (2003, p.12): “o trabalho se espacializa mais amplamente, redesenhando os territórios ou requalificando a todo tempo as dimensões locacionais das esferas de domínio e do poder de classe do capital sobre o trabalho”.

Os moradores mais velhos do lugar fazem questão de enfatizar que nunca saíram de suas terras e que apesar dos problemas enfrentados, buscavam na “terra” o sustento da família. Percebe-se que estes possuem um laço de afetividade com o espaço vivido. Por meio das conversas com estes grupos, percebe-se o quanto os mesmos têm recordações que ao serem lembradas, nota-se a saudade do tempo vivido. As histórias de tropeiros, contadas por eles, o processo de raspagem da mandioca pelas mulheres são acontecimentos que marcaram os grupos familiares da comunidade e que são parte de uma memória que os mesmos têm em comum, constituindo-se então numa memória social e ao mesmo tempo coletiva em suas especificidades:

A memória coletiva se distingue da história pelo menos sob dois aspectos. É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém (Halbwachs, 1990, p.82).

Tendo como base a memória coletiva, parte integrante da memória social é que pleiteia-se compreender a problemática que explicam as mudanças socioespaciais de Itaipu,



resultante da mobilidade do trabalho em suas variadas formas ocorrentes ao longo de um processo historicamente construído. Sobre alguns acontecimentos que marcaram alguns moradores, o Sr Manuel retrata um deles ao afirmar:

E ai passava esse tropeiro, naquele tempo num tinha assim ladrão, as vezes até por causa do povoado, o povo do povoado, falava rancharia, que arranchava os tropeiros, quando num tinha a rancharia derrubava assim carga dos burros, fazia aquela roda assim, botava os couros, e durmia alí, ninguém mexia. Tinha gente que já fazia as rancharia pra receber esse povo viajante né, e tinha tropeiro que já pra o to lugar, passava só a noite é que tornava viajar pro destino que eles ia. Otos chegava e ficava cantano aqueles antigamente, tinha mutho que era até trovador assim. Então foi assim. (Sr Manuel. Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014).

Para esse senhor, a passagem das tropas pelo povoado foi um marco de memória, em que passou a ter uma representatividade no contexto social no qual ele fez parte. É tanto que seu Manuel se recorda dos pequenos detalhes como as rancharias que abrigava os tropeiros durante a noite. As tropas existiam para transportar as mercadorias para outras regiões, tendo em vista que não havia outros meios de transporte e além disso, as estradas também eram bem precárias. Isso revela uma das dificuldades que havia para comercializar o que era produzido na região.

Em outra conversa com o morador Sr Idalino, vê-se que o mesmo também possui uma memória comum à do Sr Manuel, só que este teve uma relação diferente. Sr Idalino trabalhava para um tropeiro, o qual tinha uma posse na região, ele conta que em meados de 1945 saia com uma tropa de dez burros para vender farinha na feira da cidade (Vitória da Conquista-BA), o morador afirma o seguinte:

Eu fui criado por minha mãe e duas irmã, e elas saia trabaiano nas casa de farinha pros oto e eu saia mais elas, e ai por lá eu fiquei e tinha um vei e o vei era tropero, vei Juvenal, e lá eu fui ficando por lá e fui cresceno lá mais ela e fiquei morano mais esse vei. E eu era nessa vida, fazeno farinha. (Sr Idalino, 85 anos. Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014).



Esse morador ainda destaca que os únicos meios de transporte para carregar a mercadoria para a cidade eram o animal, por meio do carro de boi de tropas de burro, processo que demorava dias para se realizar. Assim como ele, outros moradores entrevistados relatam que trabalhavam para pequenos fazendeiros e, alguns deles moravam na casa do seu patrão, afirmando eles que o mesmo os acolhia como filhos. Essa relação afetiva construída entre esses dois grupos sociais diferenciados pôde ser percebida na fala de “Seu Manuel”:

Aí Pedo já sabia cumé que eu era, já morei junto com ele, assim, na fazenda dele, nunca ganhei uma reclamação, até dessa idade eu agradeço a Deus, sofria, mas, nunca peguei no que dos oto pa robar, Ô Mané se num tiver o dinheiro eu te arrumo, foi Pedo Soares, e eu tinha o dinheiro e aceitei [...]. (Sr Manuel, Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014).

À medida que os anos se passaram a situação foi se modificando e outras formas de trabalho foram se configurando no espaço:

Em todo caso, uma vez que a memória de uma sociedade se esgota lentamente, sobre as bordas que assinalam seus limites, à medida que seus membros individuais, sobretudo os mais velhos, desapareçam ou se isolem, ela não cessa de se transformar, e o grupo, ele próprio muda sem cessar. (HALBWACHS, 1990, p.84).

Depois que “Seu Idalino” casou-se e comprou um pedaço de terra, passou a trabalhar nas casas de farinha espalhadas na região, alguns fazendeiros tinham suas próprias casas de farinha, as quais eram bem tradicionais. Dessa forma tanto este como outros trabalhadores relacionavam com novos grupos familiares, pequenos proprietários de terras que os contratavam temporariamente. O trabalho se dividia principalmente na produção de tomate, maracujá e mandioca, onde existiam também os fazendeiros com suas próprias “casas de farinha”, nestas trabalhavam também as mulheres, as quais raspavam a mandioca e também desempenhavam serviços no plantio e colheita da mandioca.



Em alguns casos o próprio fazendeiro dono da “casa de farinha” tinha suas próprias roças de mandioca, produto utilizado no processo de fabricação da farinha, bem como havia aqueles que compravam a mandioca de outros produtores. A farinha era comercializada não somente na comunidade, mas principalmente em Vitória da Conquista. Com a construção da rodovia Rio Bahia (BR 116), a qual liga a cidade as regiões circunvizinhas assim como ao povoado, as vias de circulação foram melhoradas e a partir de então a farinha era levada em caminhões. Mas, apesar disso, ainda perdurava a presença de tropas que carregavam farinha para a região da caatinga.

A mobilidade do trabalho sob a ótica marxista está pautada na ideia de que o espaço se estrutura a fim de possibilitar o movimento da população, essa mobilidade da força de trabalho ocorre pela busca da sobrevivência. Se um lugar não der conta de absorver mão-de-obra suficiente, um volume de trabalhadores se desloca para outras áreas que ofereçam postos de trabalho.

Ao conceituar mobilidade do trabalho, Gaudemar (1977) relata sobre os deslocamentos territoriais como forma de ampliar a produtividade e lucratividade, em que, a mobilidade do trabalho caminha junto à mobilidade do capital. Além disso, o autor também ressalta que o conceito de mobilidade também está associado a deslocalização espacial dos homens pautada nas migrações geográficas ou mesmo no meio profissional.

A mobilidade do trabalho é percebida sob diversas formas na comunidade em estudo. Os trabalhadores tanto se deslocam para espaços longínquos, em centros urbanos, a fim de trabalharem em fábricas, construção e civil e outras atividades, como sobremodo, vão para regiões próximas, principalmente fazendas de café para trabalharem um período no processo de colheita, ou diariamente saem do povoado até as fazendas do entorno a fim de trabalhar como meeiros, diaristas. Dessa maneira é notório o quanto o trabalho é mobilizado e não se fixa num só espaço. A partir da memória destes trabalhadores que se pode perceber como o trabalho se distribui no espaço e o modifica, refletindo em transformações sociais.

Nesse sentido, ressalta-se que o domínio do capital não acontece somente em espaço com grande densidade populacional, mas também se apropria de regiões isoladas, tais como comunidades rurais a exemplo do povoado de Itaipu, em que muitos



foram atraídos a migrar para São Paulo em busca de trabalho, indo trabalhar em sua maioria na construção civil e as mulheres como empregadas domésticas. Alguns dos moradores entrevistados afirmam ter ido pra São Paulo e mulheres relatam que seus filhos também iam, Sr Jesulino, um dos moradores afirma que trabalhava na construção civil:

[...] ai sempre eu ia pra lá, oitô mês e um ano, eu fiquei lá até dois ano, mas vom de feras, [...] morava ne construção mesmo, lá gente chama de peão, cunzinhava lá, no serviço mês que trabaiaava, morava. A primeira vez eu fiquei um ano e poco. Aí em 73 eu casei, ai peguei ir, ficar lá oito meis, seis meis, um ano, e vinha, até meus menino ficou de maior. Voltava fazia roça né, mais Demazim, prantano na mea lá mais ele. (Sr. Jesulino, 77 anos, Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014).

Esse depoimento revela as idas e vindas de Sr Jesulino, o qual trabalhava temporariamente em São Paulo tendo que submeter as condições precárias de habitação e no trabalho. O que levou o mesmo a não migrar mais para esta região foi o vínculo familiar, isso o fez permanecer no povoado.

“Seu Idalino” ao narrar sua história de vida, especificando a relação com o trabalho, afirma:

[...] trabaiaava pros oto tamem (sic) assim nas roça pros oto tamém (sic), prantava na meia tamém, quando num tinha terra, arrendava terra pra trabaiaá, pegava mato pra roçar, nesse tempo tinha muito mato, pra prantar roça e prantar mandioca na meia. Sempre eu gostei de fazer isso, só sei fazer isso, nunca sair pra trabaiaá fora. (Sr Idalino, 85 anos. Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014).

Nesse depoimento percebe-se que o trabalhador apesar de toda a precariedade enfrentada, se orgulha de trabalhar como lavrador, e vale salientar que muitos deles se reconhecem como lavradores, e mantem uma forte relação com o lugar, em que é o caso de “Seu Idalino” que enfatiza nunca ter necessitado sair da comunidade para sustentar sua família.



Ao questionar o Sr. Idalino sobre a memória que ele tem do presente o mesmo relata com pesar que muitas coisas foram mudadas e dessa maneira a vivência dos grupos também foi renovada. Ao falar sobre as casas de farinha O Sr Idalino diz que:

[...] hoje cabou tudo, tinha casa de moenda de Pedro Soares, Arlindo, Cazuzza, tudo era moenda, roda de mão. A gente sofria por necessidade das coisa e gente tinha fome e gente trabaiaava mutho, era difícil, hoje é tudo fácil, mas só que tamém tudo que cê prantava dava, chuva num fartava, quando era nos meis de oitubro, chuva batia, cê podia prantar logo, que prantava duas veis no ano. Nem poliça num tinha, hoje ta ruim por causa da violência, daqui pa Conquista nois ia de a pé, levava esses burro de farinha, trazia o dinheiro de lá pra cá num embornal na cabeça da sela, um embornal chei de dinheiro de lá pra cá e ninguém mexia, agora vai fazer um trabai desse hoje? (Sr Idalino, 85 anos. Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014).

O Sr Manuel, também afirma ter trabalhado bastante tempo nas casas de farinha, o mesmo revela isto na sua fala:

Eu fiz farinha aqui na região, no entrocamento de São Sebastião e tinha muita mandioca e meu concunhado tinha caminhão pra pegar mandioca onde fosse, mas era gente trabaiano, ..., empreiteiro né? fiz farinha três ano sem parar, parava um mês, pra puder descansar, ... o dono da mandioca empreitava a gente por saco aí tomem botava os camarado e ia dano a dispesa, conforma sobrava por saco, a empreiteira que era eu né, ai ia levano a vida assim, trabaiei muito em casa de farinha, oia! (Sr Manuel. Entrevista realizada no dia 21 de Novembro de 2014).

As lembranças e imagens que “Seu Idalino” e “Seu Manuel” guardam na memória traz de volta ao presente o retrato daquilo que vivenciaram neste lugar e que tem um sentido relevante para os mesmos. Cada objeto mencionado e, acontecimentos, o aspecto do espaço de outrora, a segurança em sair de casa e não se preocupar com a violência ficaram na memória destes grupos que representam os moradores mais antigos, assim como as conversas nas casas de farinha, o transporte para os locais de venda. Tudo isso marcou esses trabalhadores e a construção de hábitos e costumes.

Os moradores possuem uma memória viva do tempo de outrora, mesmo na dura luta do trabalho pela sobrevivência, se orgulham de serem trabalhadores e criaram laços e



costumes que remontam às boas recordações. Entretanto, nota-se nas suas falas que o dia a dia deles não era fácil, a jornada de trabalho era cansativa e os salários eram ínfimos, a representação que foi construída com o espaço vivido é que fazia com que muitos ficassem na comunidade.

CONCLUSÕES

A mobilidade do trabalho é uma categoria bastante presente na história da comunidade de Itaipu, a que pela memória dos moradores, especificamente os mais velhos, foi possível perceber diversas modalidades de trabalho e, a centralidade que é o “ser trabalhador rural” para essas pessoas. Nota-se que, mesmo as forças produtivas do capital atuando por meio da migração forçada, promovendo o deslocamento de muitas famílias de seu espaço de origem, esses trabalhadores se orgulham de serem lavradores, pertencentes a uma classe tão destituída dos meios de produção. O sentimento de pertencimento ainda perdura na memória dos moradores mais velhos, em que em seus testemunhos de vida, é visível a relevância que dão à comunidade. Um espaço que ficou à mercê da sociedade, destituído de infraestrutura ou qualquer investimento por meio do poder público reproduz as marcas da mobilidade do capital, que não se interessa em dar relevância ao lugar, muito menos conservar as tradições do mesmo, mas só se preocupa com a reprodução da força do trabalhador e a formação de um exército de reserva. A memória coletiva é a única riqueza que hoje esses moradores têm, em poder manter vivo o passado e demonstrar que o espaço não é só o empírico, mas dotado de relações sociais, portanto é a própria sociedade em movimento.

Não há como relacionar memória e trabalho sem buscar nos testemunhos de vida dos trabalhadores a vivência em suas atividades laborais em tempos remotos, as condições que se sujeitaram, os problemas enfrentados, as lutas, a resistência, a tentativa de sobrevivência das mais diversas formas, a triste dor da partida em deixar seus familiares e migrar para outras regiões. A mobilidade do trabalho para essa classe social significa a busca por melhores fontes de sobrevivência, o sonho de uma vida melhor, o que para as estruturas, chamadas “forças produtivas do capital”, tem a



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

finalidade de atrair mão de obra para onde quer que seja, e usar o trabalhador como mercadoria a serviço do capital. Diante de tantas questões a serem discutidas, este é um breve ensaio de um longo caminho pela memória e sua relação com o trabalho no povoado de Itaipu.

REFERÊNCIAS:

HALBWCHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Editora Revista dos tribunais, São Paulo: 1990.

THOMAZ JUNIOR, A. A geografia do mundo do trabalho na viragem do século xxi. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente- SP, vol. 4, n. 2, Novembro, 2003, p. 05-22.

SA NTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec: São Paulo, 1988.

GAUDEMAR, J. de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Tradução de Maria do Rosário. Lisboa: Editorial estampa, 1977.